

O Museu da Cidade de Governador Valadares: Entre a Celebração do Passado e o Mito do Pioneirismo¹

**The Museum of the City of Governador Valadares: Between the
Celebration of the Past and the Myth of "Pioneering"**

Lucinei Pereira da Silva²

Lana Mara de Castro Siman³

¹ O presente artigo é consequência das discussões realizadas em uma pesquisa de Dissertação de Mestrado concluído através do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) em 2018.

² Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: lucinei.pereira28@gmail.com

³ Doutora em Didática da História pela Université Laval/Canadá e Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: lanacastrosiman@gmail.com

RESUMO:

Este artigo propõe uma reflexão sobre a narrativa que emerge da exposição encenada pelo Museu da Cidade de Governador Valadares/MG. Tentaremos compreender também como ele se apresenta e se organiza e se esta instituição busca trazer uma memória e história de GV de forma homogênea ou tenta apresentar através de seu acervo toda a complexidade existente nessa cidade. O Museu da Cidade de Governador Valadares foi fundado em 30 de janeiro de 1983 e reúne coleções de arqueologia, objetos de diferentes ofícios e meios de transporte, moedas, instrumentos musicais, móveis e fotografias antigas da cidade. Em nossa análise, observamos que as escolhas expográficas nesta instituição parecem atender ao objetivo de reforçar o mito dos desbravadores que enfrentaram o sertão inóspito e lutaram pela emancipação da cidade. Na verdade, a figura dos chamados "pioneiros", que se consolida como mito fundador/emancipador, está vinculada, primeiramente, à epopeia dos primeiros habitantes da cidade e até hoje considerados como distintos e notáveis moradores.

Palavras-chave: Museu da Cidade; Mito do Pioneirismo; Educação Museal.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the narrative that emerges from the exhibition staged by the City Museum of Governador Valadares / MG. We will also try to understand how it presents and organizes itself and whether this institution seeks to bring a memory and history of GV in a homogeneous way or tries to present through its collection all the complexity that exists in this city. The Governador Valadares City Museum was founded on January 30, 1983 and brings together collections of archeology, objects of different trades and means of transport, coins, musical instruments, furniture and old photographs of the city. In our analysis, we observed that the expographic choices at this institution seem to meet the objective of reinforcing the myth of the explorers who faced the inhospitable backlands and fought for the emancipation of the city. In fact, the figure of the so-called "pioneers", which consolidates itself as a founder / emancipator myth, is linked, first, to the epic of the first inhabitants of the city and until today considered as distinguished and notable residents.

Keywords: Museum of the City; "Pioneering" Myth; Museal Education

Os museus municipais, históricos e de cidade foram em sua maioria criados a partir das décadas de 1980 e 1990. No entanto, o crescimento dos museus de cidade no início dos anos 1990 não significou que estes lugares deixaram de ser locais celebrativos da memória do poder político dominante. No presente artigo, buscaremos compreender como o Museu da Cidade de Governador Valadares/MG se apresenta e se organiza como um museu de cidade e, para isso, colocaremos em realce algumas proposições que ajudam a avançar na compreensão dos museus de cidade. Em seguida, discutiremos a respeito da narrativa que emerge da atual exposição de longa duração do Museu da Cidade de Governador Valadares, perguntando se dela emerge uma narrativa celebrativa do poder instituído, de uma memória única a respeito da cidade e de sua história ou se dela emerge uma narrativa reveladora do confronto de memórias representativas da diversidade étnico-cultural e social dos sujeitos de seus modos de vida, valores, projetos e lutas. Portanto, através da observação dos cenários expositivos do museu, poderemos refletir quais foram suas trajetórias, escolhas, conflitos, silêncios e personagens. Ao final, apontaremos para possibilidades educativas diversas àquela que emerge da narrativa dominante da exposição, visando sobretudo o público escolar.

Uma reflexão sobre museus de cidade e sua importância para a diversidade e a cidadania

Ulpiano Meneses em uma conferência na Escola de Ciência da Informação da UFMG em 24 de setembro de 2010⁴, diz que "não há sentido imanente nas coisas físicas, nós é que o produzimos". Portanto, uma ideia sem suporte sensorial fica aprisionada na mente, e concomitantemente, um objeto

⁴ Trechos da conferência publicada em <https://www.ufmg.br/online/arquivos/016918.shtml>
Acesso em 23/12/2017.

não é só a embalagem, ele significa cultura, experiência, algo que se vive. Por isso, na perspectiva de Ulpiano Meneses, o museu, além de um lugar no qual emergem diferentes narrativas, pode ser também um meio de integração e relação – entre indivíduos, classes, grupos sociais, recursos e de construção de sentidos. Um museu de cidade pode torna-se um instrumento sensível de ampliação não apenas do conhecimento, mas da capacidade crítica e reflexiva do cidadão sobre os problemas contemporâneos e as lutas pelo poder presentes no espaço urbano.

Para Ulpiano Meneses (1985) a cidade pode ser considerada no museu de cidade a partir de três dimensões fundamentais: como artefato, como campo de forças e como representações sociais. Nessa premissa, a cidade é um *artefato*, coisa feita, fabricada pelo homem, segmento do universal material socialmente apropriado. Todo artefato é, ao mesmo tempo, produto e vetor de relações sociais. Assim, a cidade é também lugar onde agem *forças múltiplas*: produtivas, territoriais, de formação e pressões sociais etc. Por isso, se quisermos partir da cidade do presente, ela se configura cada vez mais como arena de confrontos culturais. A intervenção concreta do agir humano na vida social não se dá às cegas. Nota-se a incorporação de categorias como ideologias, valores, identidade e memórias engendrados nas relações sociais presentes na cidade. Enfim, pode-se dizer que "as *representações urbanas* dos habitantes devem ser entendidas como componentes de sua prática social global" (Meneses, 1985, p. 199).

Meneses (2003) argumenta ainda que o museu de cidade precisa dar conta da cidade, enfrentando sua complexidade, considerando seu passado, presente e abrindo-se para o futuro. Por isso, chama a atenção para um outro aspecto: um museu de cidade além de enfatizar as semelhanças e diferenças comuns, pode prover sua comunidade de diferentes experiências vividas, inclusive antagônicas. Nessa direção, Uzeda (2016) sinaliza que

Nas galerias de um museu, assim como pelo território da cidade, diferentes realidades estão dispostas em camadas desassemelhadas em tempo e em significados, sobrepondo memórias que se embaraçam entre fronteiras temporais. (UZEDA, 2016, p.65)

Na verdade, o museu de cidade, apesar de contar uma história, pode acabar enaltecendo alguns fatos, bem como alguns sujeitos, e apagar outros. Muitas vezes a narrativa promovida pelos objetos apresentados no museu contam apenas uma história: a dos vencedores, ou seja, uma história vista pelo olhar do dominante. Chagas (2015, p. 32) alerta que a gota de sangue existente em cada museu muitas vezes é o resultado daquele sangue derramado, de forma silenciosa ou revoltada, de grupos ou pessoas que tiveram suas histórias, memórias, saberes apagados ou extirpados do processo de construção da cidade. Muitas mulheres, indígenas, velhos, negros, LGBTs e desclassificados ainda gritam suas vozes roucas para os ouvidos surdos da História.

Ainda, trazemos para ampliar este raciocínio as reflexões de Queiroz (2013, p. 51) que sustenta que para a Nova Museologia, um museu de cidade é provocado para que de fato seja sobre a cidade, buscando adotar uma perspectiva mais social, de forma a dar conta de todos os cidadãos, tentando se afastar da perspectiva de repositórios de coleções doadas por beneméritos e patronos locais, o que faz com que muitas vezes as pessoas não compreendessem seu propósito. Por isso, Meneses (2003) sustenta que "o museu pode ser um local para *desnaturalizar* a cidade, instigar para que seja percebida como coisa criada pelo homem, para seus interesses, contra eventualmente, interesses de outros homens, mutável e em transformação permanente" (MENESES, 2003, p. 279).

Por fim, é importante destacar que hoje há uma urgência em se estabelecer um diálogo mais estreito entre escola-museu, cuja finalidade é a ampliação das redes formativas que essa relação propicia. Ramos (2004, p. 71)

chama a nossa atenção no sentido de que “mais do que nunca, torna-se necessário lidar com objetos nos ambientes educativos, como sala de aula ou museu. Diante do ‘tempo dos objetos’, é preciso compor outras formas de nosso ser no mundo”.

A verdadeira força da experiência de um museu de cidade se encontra na sua capacidade de gerar interesse e entusiasmo na aprendizagem histórica, para além da simples complementaridade do ensino escolar. Por isso, entendemos que uma experiência museológica pode ocorrer por meio de estratégias e métodos diferentes daqueles utilizados na escola e por ações que vão ao encontro da construção dos sentidos e a reflexão do acervo. No entanto, “[..] ainda falta muito para que a interação entre escola e o museu seja mais produtiva, mas aqui e acolá, acontece o desejado: a relação lúdica e educativa entre as crianças e a exposição” (RAMOS, 2004, p. 40).

Fragmentos e rastros de memória no Museu da Cidade

O Museu da Cidade de Governador Valadares foi fundado em 30 de janeiro de 1983, portanto, um museu com mais de trinta anos. Está situado na Rua Prudente de Moraes, nº 711, Centro. Segundo documentos e narrativas dos memorialistas⁵, esta rua é considerada uma das primeiras da cidade. O museu está aberto ao público de segunda à sexta-feira, das 8h às 18h; sábados das 8 às 13h. Esta instituição reúne coleções de arqueologia, objetos biográficos de diferentes ofícios e meios de transporte, moedas, instrumentos musicais, mobílias e fotografias antigas da cidade.

⁵ O memorialista é o [narrador](#) que conta pequenos fatos que tecem a sua vida e a do grupo com quem ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios. Apesar dos memorialistas não seguirem metodologias científicas para reconstruir a História, recorrendo, na maior parte das vezes, a memórias e história oral, possuem um papel extremamente valoroso, uma vez que têm um olhar e agir da própria comunidade acerca de si mesma.

Figura 1: Foto da fachada de entrada do Museu da Cidade - GV



Fonte: <http://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/museu-da-cidade-lugar-para-ir-ver-e-aprender/53314> Acesso em: dezembro de 2017

Para um melhor entendimento sobre o funcionamento e a dinâmica das visitas ao museu, realizamos em março de 2017 uma entrevista com o ex-gerente⁶ do Museu da Cidade, que atuou entre 2011 e 2016. Através de seu depoimento conhecemos um pouco como foi o início da instituição e qual “história” passa a ser narrada por este lugar.

Ex-gerente - Olha, na verdade o museu local tem pouco tempo de vida, de existência. Ele é de 83 (década) e existia uma biblioteca pública municipal e existia uma secretaria de cultura que era anexada num órgão chamado FUNSEC. Então parte do P.Z.⁷, essa história de arrecadar acervo, então ele arrecadou para as particularidades dele, então como ele era funcionário público, ele levava parte desse acervo que ele tinha para ficar exposto dentro da biblioteca pública municipal, com o tempo, de 82 para 83 (década) a C.S., que era a secretária na época, fez uma pesquisa de campo, foi a Juiz de Fora, entendeu como que era para se montar um museu, quais eram os critérios... e aí ela

⁶ O ex-gerente possui Licenciatura Plena em História e trabalhou no Museu da Cidade entre 2011 e dezembro de 2016.

⁷ Com o intuito de manter o anonimato de nossos entrevistados os nomes não serão citados, apenas suas siglas.

montou uma equipe e essa equipe foi a campo, diretamente nessas famílias ricas e tradicionais e assim que começa a coleção do acervo do museu de Governador Valadares.

Portanto, com o intuito de melhor compreender o Museu da Cidade, faremos uma descrição de seu acervo. Através da disposição dos objetos e da organização do cenário expositivo, buscaremos identificar que tipo de narrativa emerge desta instituição.

Ao adentrarmos a primeira sala do museu nos deparamos com uma forte representação dos "pioneiros" da cidade. Na figura 5 isso é notório e evidente.

Figura 2: Fotografia dos quadros de "pioneiros" na sala de entrada do Museu da Cidade



Fotografia: Michelle Gonçalves
Fev. 2018

Os personagens dos quadros acima (Figura 2), são figuras tidas como "ilustres" na construção da história da cidade. Nas etiquetas, são destacados como vereadores, farmacêuticos, engenheiros e coronéis, e são homenageados pelos seus "grandes feitos" e pelas suas veneráveis lutas pela emancipação de Governador Valadares. Entre os heróis fundadores, encontram-se o carpinteiro Serra Lima e seu auxiliar, Amador Alves da Silva, que se destacaram por terem

sido responsáveis pelo moderno traçado urbano da cidade no início do século XX.

Assim, este espaço parece atender ao objetivo de reforçar o mito dos desbravadores que enfrentaram o sertão inóspito e lutaram pela emancipação da cidade. Na verdade, a figura do pioneiro, que se consolida como mito fundador/emancipador, está vinculada, primeiramente, à epopeia dos primeiros habitantes da cidade e até hoje considerados como distintos e notáveis moradores. Em Valadares, a questão do pioneiro, enquanto referencial de identidade histórica sempre foi muito forte. A prática de cultuar o pioneirismo ultrapassou o mero registro de participação na formação da cidade para se tornar onipresente na práxis do discurso da história local. No entanto, é inegável pensar que, ao se dar voz ou o espaço para determinadas memórias, outras acabaram sendo silenciadas, que, em tese, tiveram importância, igualmente, para o processo histórico de formação da cidade.

Ao adentrarmos as próximas salas de exposição vamos nos deparando com toda sorte de objetos, e notamos a ausência de uma configuração cronológica ou temática do acervo do MCGV. Na verdade, poderemos ver que os objetos não aparecem dispostos e reunidos a partir de temas ou mesmo seguindo uma linha de tempo cronológica em conformidade com os acontecimentos destacados pela história oficial da cidade - mas dá-se a ler que a exposição privilegia a representação de uma moradia “típica” de pessoas pertencentes a camadas privilegiadas da cidade. Na figura 3, por exemplo, mostra a sala que dá destaque para os instrumentos musicais, fotográficos e aparelhos de comunicação, objetos status que representam a moradia de uma camada social privilegiada, bastante distanciada da maioria das moradias da cidade tanto do passado como do presente.

Figura 3: Sala 1 - Cenário expositivo que reproduz uma sala de estar.



Fotografia: Michelle Gonçalves
Fev. 2018

Em nossa pesquisa pelo acervo, observamos alguns objetos sem as etiquetas de identificação. Verificamos também que outros objetos têm etiquetas bastante sucintas. Em muitas peças pertencentes à elite observa-se o nome das pessoas que doaram. Na verdade, observamos que nas legendas não cabem mais informações ou descrições sobre o objeto exposto. Em nosso entender, o museu ao destacar o doador dos objetos busca de certa maneira "imortalizá-lo" na memória histórica da cidade.

Figura 4: Xícaras doadas pelas famílias de elite



Fonte: Acervo do autor
Jan. 2018

Analisando mais detidamente vimos que as etiquetas nos objetos revelam que determinadas peças pertenciam ao enxoval de casamento de algumas famílias tradicionais (figura 5).

Figura 5: Sala 5 - Cristaleira com parte do enxoval de casamento de uma família "pioneira"



Fotografia: Michelle Gonçalves
Fev. 2018

Conforme o depoimento do ex-gerente, houve uma tentativa da instituição em pluralizar o acervo, trazendo para o cenário expositivo objetos de uso cotidiano e ofícios dos diferentes grupos e camadas sociais.

Ex-gerente - Eu particularmente observei muito antes de gerenciar aquilo lá, que aquilo ali era um espaço dominado por grandes famílias, por sobrenomes muito fortes da cidade, e que as pessoas tradicionais quando iam queria ver o álbum de fotografia do bisavô, a fotografia do pai para mostrar para o visitante amigo ou familiar que ele levava, e às vezes eles se sentia parte integrante nesse momento. A partir do momento que a gente chegou, nós mudamos esse olhar para incluir a todas as camadas sociais, nós mudamos esse olhar para que todos pudessem estar contemplados, então a gente fez uma mudança que gerou um constrangimento em alguns momentos, mas com o tempo as pessoas entenderam que o espaço era de todos e que para ficar exposto, tinha que ficar exposto coisas que contemplasse todas as camadas sociais [...] Também fizemos uma campanha de doação de acervo para o Museu da Cidade, **então eu acredito que hoje, nós temos um museu mais plural que é a memória da sociedade local** [...] o fato de poder incluir todas essas pessoas, que eram, por exemplo, que não entravam nas estatísticas de acervo do museu, parteiras, carroceiros, carregadores de água, o próprio índio, que aqui se firmou como o primeiro povoado. Então, nós temos, leiteiros, carroceiros, lavadeiras de roupas, que pegavam suas roupas, iam para beira do rio no São Tarcísio lavar suas roupas. Isso é um bem simbólico até hoje para esses moradores. (Grifos nossos).

No entanto, observamos que diferentemente dos objetos que representam a elite valadarense, o acervo relacionado aos diferentes ofícios ficam em estantes de ferro, nos cantos ou quase escondidos na área externa do espaço museal como podemos ver nas figuras 6 e 7.

Figura 6: Objetos de diferente ofícios observados em um canto do museu



Fotografia: Michelle Gonçalves
Fev. 2018

Em nossa análise pelos cenários expositivos do Museu da Cidade, observamos a força da representação dos objetos da elite valadarense. Apesar da tentativa do ex-gerente em pluralizar o acervo trazendo objetos utilizados por segmentos mais populares, o acervo relacionado aos "pioneiros", em sua grande maioria, estão em posição de destaque e possuem uma notória hegemonia.

Ainda, pode-se dizer, que a história da cidade que contada pelo museu a respeito da cidade de Governador Valadares não é uma narrativa encadeada do ponto de vista cronológico, mas sobretudo uma apresentação de objetos expostos de maneira a indicar marcas de uma tradição próxima da antiquária, embora tenha-se tentado torná-lo um museu mais plural. Vimos pelos registros fotográficos do Museu da Cidade (MCGV) que as relíquias, reconhecidas como "preciosas" ou "memoráveis" são associadas principalmente a fatos e personagens notáveis do passado. No entanto, os objetos expostos em sua maioria cedem lugar a um interesse colecionista e colonialista e de testemunho a fatos excepcionais à história – a exemplo de armas, moedas, instrumentos

musicais. Alguns deles apresentam-se sem qualquer relação direta com a história da cidade, como por exemplo, os instrumentos de tortura de negros escravizados (Figura 7). Vale ressaltar que a cidade de Governador Valadares teve sua ocupação e povoamento consolidada no decurso do século XX, portanto, não se observa marcas da escravidão na trajetória histórica da cidade.

Figura 7: Instrumento de tortura de negros escravizados.



Fotografia: Michelle Gonçalves
Fev. 2018

Torna-se indispensável comentar que, nas pequenas salas do MCGV prevalece o culto à saudade, no qual os objetos das elites preencheriam com suas memórias e "tesouros" grande parte do lugar. Em outras palavras, o gosto pela miscelânea sem uma temática definida e o tom da relíquia do museu nos traz a sensação de museu como lugar de guarda, de coisa velha e de curiosidades. Apesar da tentativa de pluralizar o museu pelo ex-gerente, a instituição não busca trazer questões do presente, mas fica presa ao passado, conforme aponta Meneses (1985, 2003) ao dizer sobre a necessidade dos museus de cidade trazer para dentro de suas paredes os problemas e questões da cidade atual.

Apesar de os povos indígenas terem sido os *pioneiros* da região do Vale do Rio Doce e no nosso entender serem importantes para a formação do povo valadarense, nota-se pouca centralidade do povo Krenak (antigos botocudos) no Museu da Cidade. Ainda, as urnas funerárias chamadas de *Igaçabas* ficam expostas em meio a outros objetos como, máquinas de costura, mica e pedras preciosas (Figura 8).

Figura 8: Sala 2 - Urnas funerárias indígenas e outros objetos



Fotografia: Michelle Gonçalves
Fev. 2018

A partir de nossa análise pelo acervo do Museu da Cidade importa sublinhar que a memória exposta nesta instituição não acontece de maneira espontânea, pois, como observamos, agem nesse lugar, disputas de memórias, com ataques, defesas e forças múltiplas (RAMOS, 2010). Além disso, nota-se no MCGV a ausência de uma narrativa que leve em conta as transformações e contradições da cidade em sua trajetória histórica. Nessa direção, Barroso (1951) já apontava para o seguinte

Um museu não deve ser unicamente um necrotério de relíquias históricas, etnográficas, artísticas, folclóricas ou arqueológicas; mas um organismo vivo que se imponha pelo valor educativo, ressuscitando o passado nele acumulado. O conservador tem de

ser, antes de tudo, um evocador. Um museu conserva justamente para evocar (BARROSO, 1951, p. 27).

Ainda, em nossa de análise pelos espaços expositivos do Museu da Cidade, trago aqui a perspectiva de Ramos (2004, p. 84) quando observa que é necessário se trabalhar a potência da memória, para alimentar a história. Trata-se de conceber a construção da memória do MCGV em outros termos, deslocando-se de seu sentido tradicional, de lugar de preservação e glorificação de acontecimentos e personalidades. Ou seja, o Museu da Cidade é provocado a deixar de eleger a consagração do passado como principal e trazer os vestígios da diversidade da vida sociocultural urbana para o centro das atenções. Com base em Miranda (2007), poderíamos dizer também que no MCGV, os silêncios e os esquecimentos são reveladores de mecanismos de manipulação da memória coletiva. E por se constituir lugar de escolha e seleção, evoca ações que se vinculam a circunstâncias de dominação e poder.

Ampliando possibilidades educativas no Museu da Cidade

Neste momento do artigo propomos algumas reflexões sobre as possibilidades educativas que podem ser realizadas no Museu da Cidade. Em breves considerações teórico-conceituais, buscaremos apontar algumas sugestões educativas de modo a lançar luz sobre as possíveis relações que são estabelecidas entre os professores e educação em museus de cidade.

Acredita-se que o museu deva ser uma instituição dinâmica, comprometida com o desenvolvimento, a educação e a identificação dos grupos sociais em situações de conflitos ou de encontros. Sabe-se que para que as pessoas se identifiquem com determinado grupo é necessário que se sintam parte dele e nele se reconheçam. Um museu de cidade além de possibilitar o conhecimento sobre o passado participa da construção social dos cidadãos da cidade, pois além de ser um patrimônio cultural, é um local onde poderiam se

expressar diferentes tipos de memória. Além disso, os museus de cidade poderiam estar comprometidos em promover problematizações que exigem colocar em relação o presente e o futuro.

A memória e a identidade, como vimos anteriormente, acabam sendo considerados valores disputados, e esse conflito pode resultar no apagamento da história e memórias de grupos subalternos pelos grupos dominantes, dando-nos a percepção de certas “ausências” no percurso histórico da cidade de GV e na biografia dos objetos tal como vimos no Museu da Cidade de Governador Valadares. Essa concepção instiga-nos a pensar que, as presenças e mesmo as ausências de memória apresentam-se como possibilidades para elaboração de propostas educativas que problematize a história local.

Meneses (2003), aponta sobre a importância dos embates e campos de forças observados na cidade estarem na mira do Museu da Cidade. Propõe que esses não deveriam se limitar a uma forma institucional chegada em si mesmo, mas que seria interessante envolver parcerias e modalidades diversas de colaboração para sua contínua (re)construção. Diferentes grupos e pessoas pertencentes ao Movimento Negro, indígenas, trabalhadores sem terra, LGBTs, ou ainda, de valadarenses que emigraram e de ribeirinhos que sofrem as tragédias ambientais e enchentes, poderiam integrar-se numa importante rede de sujeitos preocupados com a constituição do MCGV. Supomos que ao se verem valorizados na construção do Museu da Cidade e conseguirem nele visualizar sua identidade representada, esses grupos teriam o potencial de promover a presença de outras narrativas no museu. Na verdade, pensamos que talvez essas novas relações poderiam provocar no MCGV a necessidade de estabelecer outros vínculos com a sociedade, suscitando em seu público visitante a formação da consciência crítica sobre a cidade.

Nesse sentido, o Museu da Cidade de GV em sua constituição necessita, em nossa visão, empreender reflexões a respeito da relação que o morador

estabelece com o espaço que habita, demonstrando que a cidade se constitui como um local de trocas de experiências e intercâmbios culturais. Seria interessante, como aponta Shall (2003), que o MCGV se propusesse a ser um ambiente propício para se viver experiências diferenciadas e significativas, nas quais "a sensibilidade estética é afluída, num processo aberto de comunicação que permite a cada pessoa explorar, sentir, pensar, tocar de modo singular e autônomo" (SHALL, 2003, p. 17). Ou seja, perscrutar os objetos expostos no museu, não é apenas a prática de analisar o que passou, mas interpretar a presença do pretérito, em suas múltiplas dimensões temporais. É por isso que, apesar de tudo, um museu de cidade pode fazer sentido: em seus objetos, há vidas latentes, prolongamentos do corpo, acordos e rupturas diante do espaço e do tempo (RAMOS, 2016, p. 74).

É impossível preservar uma "história total", e a cidade de GV por se constituir em processos históricos complexos, em que se encontram presentes aspectos objetivos e subjetivos, traços físicos reais e também sentimentais, é difícil (para não dizer também impossível) querer esgotar toda a realidade da cidade dentro das paredes do Museu da Cidade. Não é disso que estamos falando, mas de uma necessidade do MCGV colocar em questão os problemas históricos da cidade no decorrer do tempo, o que não quer dizer esgotar todos os problemas, nem a totalidade de campos que esses envolvem: sociais, culturais, econômicos, políticos e ambientais que a cidade apresenta. A que se fazer escolhas em sintonia com tempo presente e, de preferencialmente, com a participação da sociedade. Alves (2014) realça que existem problemas com relação a classificar um museu que represente a cidade na sua complexidade, assim como a extrema dificuldade existente de definir o que representar sobre ela, já que tudo interessa a respeito da cidade. Nessa direção, podemos evocar, dentre outras, a sugestão de Ulpiano Meneses (2003) para a constituição do Museu da Cidade de GV

Seria interessante para os museus de cidade aproveitar-se de levantamentos de campo, ou proceder a pesquisas próprias, envolvendo depoimentos e entrevistas, testes, auto-documentação gráfica, fotográfica e videográfica, incluindo mapas cognitivos. Nestes levantamentos de campo o museu de cidade estará produzindo documentação primária (MENESES, 2003, p. 267).

Certamente é importante pensar que, a dinâmica da visita ao Museu da Cidade proposta pelos professores pode possibilitar possíveis aprendizagens, questionamentos, inquietações e questões que envolvam o cotidiano do aluno na cidade. Para Braga e Pereira (2015), os museus tem potencialidade para suscitar sensibilização, aprendizagem, valores, crenças éticas, estéticas e políticas, partilhadas no encontro dos professores com as equipes dos serviços educativos dos museus, e na escola. Oliveira e Anjos (2017) compreendem que uma ida ao museu é feita de encontros. É um encontro com um espaço da cidade, com uma ou mais exposições, com objetos que estão ali organizados de determinada maneira para criar uma narrativa e proporcionar aos visitantes uma experiência significativa e também um encontro com aquilo que pretende ser atrativo, impactante ou encantador (OLIVEIRA & ANJOS, 2017, p. 202-203).

Ampliando um pouco mais, ressaltamos que no "tempo dos objetos", o Museu da Cidade também pode ser um núcleo educativo de insubstituível importância para se estudar e pesquisar sobre a historicidade dos objetos. Sob esse prisma, sublinha-se que ao propor romper com o seu *design* do consumo, o MCGV poderia se inserir em uma rede mais ampla de táticas educativas, avançando para além da reificação sacralizada dos objetos dos "pioneiros fundadores". Por isso, esta instituição é instigada a criar movimentos de "alfabetização do olhar" junto ao seu público visitante, principalmente no contexto atual, em que as subjetividades envolvidas nesse processo, já não são apenas as do professor e do aluno, mas as de consumidores imersos em plena era midiática (RAMOS, 2004).

Por exemplo, as máquinas de escrever ou rádios expostos no Museu da Cidade apenas indicam o que já passou, o que não funciona mais, o obsoleto frente às novas tecnologias. Nesse contexto, não seria oportuno para o Museu da Cidade a problematização desses objetos a partir de uma reflexão sobre os aparelhos eletrônicos utilizados no presente, como celulares, *tablets* e computadores, que também tornam-se obsoletos num curto espaço de tempo frente a um modelo com *design* mais atualizado? Como exemplo também, Ramos (2008) cita o copo descartável, que ao ser inserido entre os objetos encenados no museu pode ser tomado como indício do tempo monetário, que pouco dura frente aos índices de consumo. Na verdade, chamamos atenção para o fato de que, sem uma reflexão sobre os objetos que rapidamente tornam-se sem valor e obsoletos na sociedade atual, o Museu da Cidade perde uma excelente oportunidade de se inovar e criticar o papel do tempo, do dinheiro e das coisas na sociedade capitalista. Ramos (2008) pondera que

Ao pôr em cena a necessidade de coletar, conservar e expor objetos da atualidade, os museus não podem fugir do debate sobre os sentidos dos objetos na “sociedade de consumo”, levando em consideração a grande complexidade que reside no próprio desenvolvimento do capitalismo. (RAMOS, 2008, p. 86)

Enfim, não foi objetivo dessa discussão explorar em profundidade e extensão as possibilidades educativas que tanto o Museu da Cidade como os professores podem realizar junto aos seus estudantes visitantes, mas trazer, breves e talvez oportunas sugestões que modestamente possa contribuir para o processo de constituição da aprendizagem histórica nos museus de cidade.

A partir das reflexões expostas neste artigo é necessário novamente ponderar que a primeira questão que nos pareceu importante analisar ao observar os cenários expositivos do Museu da Cidade é a forte representação das famílias de elite, e dos heróis fundadores da cidade também chamados de

"pioneiros". Reforçar o mito dos desbravadores e pioneiros que enfrentaram o sertão e lutaram pela emancipação da cidade tornou-se fundamental ou central na narrativa do museu, apesar da tentativa do ex-gerente de torná-lo mais plural, trazendo para a exposição artefatos que pertenceram ao cotidiano das camadas populares ou dos grupos subalternizados, ao longo da história desta cidade. Em nossa análise pelo circuito expositivo, constatamos que o MCGV tece uma determinada versão da história da cidade, dispensando a presença de determinados grupos como negros favelados, trabalhadores sem terra, trabalhadores do comércio, emigrantes e deixando as mulheres como coadjuvantes. Personagens, estes, tradicionalmente excluídos do banquete da memória pública ou do teatro de memória.

Torna-se importante lembrar que apesar de os museus de cidade ainda oscilarem entre suas tradições de pequeno museu de objetos históricos e "reliquias memoráveis", são desafiados a partir da perspectiva da Nova Museologia, a encarar a cidade como seu principal objeto e serem instituições vocacionadas para promoção da reflexão e do exercício da vida cultural urbana. Dessa forma, um museu de cidade ao abrir-se para o mundo exterior, incorporando os dilemas atuais da cidade, e para o debate de ideias sobre uma cidade possível, na diminuição das diferenças sociais e econômicas avança para além da perspectiva de ser templo de consagração de uns poucos indivíduos.

Nessa direção, é pertinente pensar que o museu que não está impregnado de afetos torna-se um ponto fixo e desprovido de encantamento das coisas do mundo. Um museu de cidade que desejamos é aquele em permanente deslocamento a qual se articulam nesse espaço, diferentes saberes, diferentes vozes, diferentes experiências.

Referências bibliográficas

ALVES, Rafael da Silva. **Lendo o Museu: relações entre a expografia e a historiografia no Museu da Inconfidência** – Ouro Preto/MG. Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

BARROSO, Gustavo. **Introdução á técnicas de museu**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, vol. 1, 1951.

BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes; PEREIRA, Júnia Sales. Abre-se o céu entre estrelas e cantorias entretécidas num museu e seus trabalhos de memória. **Educação em Foco**. Juiz de Fora, v. 19 n. 3, nov. 2014/fev. 2015, p. 95-121.

CHAGAS, Mario de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó, SC: Argos, 2 ed, 2015.

FILHO, Antonio Luiz Macêdo e Silva. A cidade e o museu: encontros possíveis. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado; RAMOS, Francisco Régis Lopes (orgs.). **Futuro de Pretérito: escrita da História e História do Museu**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O Museu na Cidade e a Cidade no Museu. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 5, no 8- 9, p. 197-205, 1985.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu de cidade e a consciência de cidade. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques dos; KESSEL, Carlos Guimarães; GUIMARAENS, Cêça (org.). **Museus & Cidades**. Livro do Seminário Internacional "Museus e Cidades". Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003, p. 255-282.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de; ANJOS, Juliana Prochnow dos. **Diálogos com professores em museus**. In: SIMAN, Lana Mara de Castro; MIRANDA, Sonia Regina (orgs.). *Patrimônio no Plural: Educação, Cidades e Mediações*. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2017.

QUEIROZ, Luciana Scanapieco. **Um Museu de Cidade: Imaginário, Debate Museológico e o caso de Juiz de Fora**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2013.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história.** Chapecó: Argos, 2004.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A insustentável leveza do tempo: os objetos da sociedade de consumo em aulas de história. **Educação em Revista.** Belo Horizonte: n. 47, p. 179-196, jun. 2008.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. As utilidades do passado na biografia dos objetos. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado; RAMOS, Francisco Régis Lopes (orgs.). **Futuro de Pretérito: escrita da História e História do Museu.** Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Objeto Gerador: considerações sobre o museu e a cultura material no ensino de história. **Revista Historiar - Revista Eletrônica do Curso de História Universidade Estadual Vale do Acaraú.** v. 8, p. 70-93, 2016.

SCHALL, V. T. **Educação nos museus e centros de ciência: a dimensão das experiências significativas.** In: Workshop: educação em museus e centros de ciência. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

UZEDA, Helena Cunha de. Os museus de cidade e o processo de interpretação da memória dos centros urbanos. **Revista Museologia e Patrimônio,** v. 09 no. 02, p. 61-80, 2016.

Recebido em março de 2020.

Aprovado em abril de 2020.